

Lapa

ANTIGA CASA DE CÂMARA E CADEIA

Inicialmente simples caminho, passagem para os tropeiros que conduziam gado das vacarias do antigo continente São Pedro do Rio Grande à feira de Sorocaba, na capitania de São Paulo, a Lapa, que como tal sempre foi conhecida, na realidade só veio a ter oficialmente esse nome quando elevada em 1872 à categoria de cidade.

Pela região passaram, a partir de 1526, Aleixo Garcia e, em 1531, Pero Lobo e Francisco Chaves, considerados os primeiros bandeirantes a palmilhar a região dos Campos Gerais. Por ela também transitou, em 1541, Don Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, em demanda do Paraguai, na qualidade de adelantado daquela possessão do Reino de Castela. Cento e um anos depois seria a vez do bandeirante paulista Antonio Raposo Tavares, em sua longa jornada para a região de Tapes, no continente de São Pedro do Rio Grande.

Em 1728, Zacarias Dias Côrtes organizou expedição ao então chamado “Campo de Palmas”, e as descobertas que fez levaram o governador da capitania de São Paulo a determinar a abertura de um caminho na direção do continente de São Pedro do Rio Grande, para tanto incumbindo o sargento-mor Francisco de Souza de Faria e Manoel Rodrigues da Motta, partindo o primeiro da povoação de Santo Antônio dos Anjos da Laguna em Santa Catarina e, o segundo, de São Paulo. Deveriam encontrar-se em ponto dos Campos Gerais. Todavia as expedições desencontraram-se, o que motivou a organização de nova empreitada, cabendo a Manoel Rodrigues da Motta, bandeirante curitibano – que a seu próprio custo a levou a cabo –, a primazia de haver aberto o caminho, que serviu para o povoamento dos Campos Gerais de Curitiba e estabeleceu a ligação entre Viamão e Sorocaba.

Com o correr do tempo, passou a chamar-se a estrada então aberta de “da mata”, pelo fato de cruzar extensa floresta virgem. Em 1731, estava o caminho concluído e à sua margem começaram a surgir “pousos” e “invernadas”.

O povoamento da Lapa está ligado diretamente à abertura dessa estrada, e o governo da capitania de São Paulo resolveu estabelecer um registro para cobrança de pedágio de gado às margens do Rio Iguaçu.

Situada aproximadamente a meio caminho entre os rios Negro e Iguaçu, a área nas proximidades do local que marca a extremidade sul da formação arenítica denominada Arenito Furnas passou a ser utilizada como pouso, a chamada “paragem da Lapa” devido à formação rochosa que é o referencial paisagístico do local, surgindo à sua volta diversas habitações. Os fundadores da Lapa, João Pereira Braga e sua mulher, Josefa Gonçalves da Silva, pais do primeiro vigário, padre João da Silva Reis, estabeleceram-se em 1768 na fazenda dos Carlos, nas proximidades da então freguesia de Nossa Senhora do Tamanduá.





D. Antônio de Souza Botelho Mourão, governador da capitania de São Paulo, em nome de D. José I, rei de Portugal, concedeu a João Pereira Braga e aos demais primeiros moradores da Lapa uma sesmaria de terras de sertão, com uma légua quadrada, para ali ser fundada a nova freguesia, que recebeu o nome de freguesia Nova de Santo Antônio da Lapa, em homenagem ao “grande taumaturgo português, o Senhor Santo Antônio”, conforme consta do Primeiro Livro de Tombo da Igreja Matriz.

O povoado foi oficializado como freguesia pelo tenente-coronel Afonso Botelho de Sampaio e Souza, e na capelinha construída pelo padre João da Silva Reis, a 13 de junho de 1769 – data da fundação da Lapa – foi celebrada a primeira missa e realizado o primeiro batizado.

Em 16 de fevereiro de 1806 a freguesia foi elevada a vila, com o nome de Vila Nova do Príncipe. No entanto, a designação de Lapa continuou, pois tanto os papéis civis como eclesiásticos chamam ao lugar de Vila Nova do Príncipe de Santo Antônio da Lapa. Iniciada a vida administrativa, foi mandado edificar prédio para servir de Casa de Câmara e Cadeia – o qual, em 1840, já bastante deteriorado, daria lugar a outro – e erguido o Pelourinho, símbolo da justiça. Este, consoante as crônicas, era um mastro de madeira com quatro faces tendo em cima um cutelo de madeira e, embaixo, quatro braços cruzados, também em madeira. Ao centro, grande argola de ferro.

O marco, construído de material perecível, perdeu-se com o passar do tempo, mas as menções ao Largo do Pelourinho e ao Beco do Pelourinho permaneceram até 1847. Como a primitiva cadeia ficava no largo hoje ocupado pelo Panteão dos Heróis – então denominado Largo da Cadeia Velha – e como a rua também chamava-se “da Cadeia Velha”, é bem provável tenha sido este o lugar escolhido para a ereção do Pelourinho, pois o símbolo da justiça erguia-se, sempre, em frente à Casa de Câmara e Cadeia.

Datam, entretanto, de 1829, as primeiras providências no sentido de ser feita a edificação da nova cadeia em “pedra e cal”, ocasião em que a Câmara Municipal da Vila Nova do Príncipe encomendou a uma comissão plano para “edifício a substituir o existente” que se achava, praticamente, em ruínas.

A obra pretendida não foi feita, e em 1837 o então intendente, diante do estado de completa deterioração da cadeia velha, lembrou a necessidade de “se promover com eficácia tudo quanto for mister para se conseguir huma cadea nesta vila”. Ato contínuo, foi aberta subscrição pública para a “fatura da Casa da Câmara e Cadeia Nova”. Diante do insucesso da campanha, a Câmara Municipal consignou 800 réis no orçamento daquele ano para as obras. Até fins do ano seguinte, no entanto, o governo da província de São Paulo, ao qual se subordinava, então, a Vila Nova do Príncipe, não havia ainda aprovado o plano para a construção da cadeia, fato que impedia fossem iniciadas as obras, o que só ocorreu no ano de 1840.

Dada a contínua escassez de recursos, a construção arrastou-se anos a fio, e no início de 1849 a Câmara Municipal, novamente, reclamava da conveniência de serem consignadas “verbas mais avultadas que as também hoje concedidas, atendendo já se



LOCALIZAÇÃO: ALAMEDA SABOIA CORTES.

DATA DA CONSTRUÇÃO: 1840-1868.

PROPRIETÁRIO: PREFEITURA MUNICIPAL DA LAPA.

TOMBAMENTO FEDERAL: PROCESSO Nº 106-T, INSCRIÇÃO Nº 128.

LIVRO HISTÓRICO, FL. 23. DATA: 14/5/1940.

BIBLIOGRAFIA: ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PARANÁ.

ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ.

CARNEIRO, DAVID, O CERCO DA LAPA E SEUS HERÓIS, ED. RAVARO, RIO DE JANEIRO, 1934.

_____. O PARANÁ E A REVOLUÇÃO FEDERAL-ISTA DE 1894, ATENA ED., SÃO PAULO, 1944.

EIILLKE, CIRO. A CONQUISTA DO PLANALTO CATARINENSE. BANDEIRANTES E TROPEIROS DO SERTÃO DE CURITIBA, LAUDA, RIO DE JANEIRO. 1973.

LYRA. CYRO CORRÉA DE OLIVEIRA. LEVANTAMENTO E PROJETO DE RESTAURAÇÃO, ARQUIVOS DA SPHAN. RIO DE JANEIRO.

LEÃO, ERMELINO DE. DICIONÁRIO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO ESTADO DO PARANÁ. CURITIBA. 1928.



MARTINS, A. ROMÁRIO. HISTÓRIA DO PARANÁ, MELHORAMENTOS, SÃO PAULO, 1939.

SAINT-HILAIRE, AUGUSTE DE. VIAGEM A CURITIBA E PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA, USP. SÃO PAULO, 1978.

TAUNAY, ALFREDO D'ESCRAGNOLE. HISTÓRIA GERAL DAS BANDEIRAS PAULISTAS, MUSEU PAULISTA, IMPRENSA OFICIAL, SÃO PAULO, 1946.

WESTPHALLEN, CECÍLIA MARIA, PEQUENA HISTÓRIA DO PARANÁ, MELHORAMENTOS, SÃO PAULO, S.D.

_____. LAPA, UM POUSO, UMA LEGENDA, FUNDEPAR, CURITIBA, 1979.

BARRETO, PAULO THEDIM, "CASAS DE CÂMARA E CADEIA", IN REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. N° 11, JANEIRO DE 1947, RIO DE JANEIRO.

TRINDADE. JAEISON BITRAN. PESQUISA ELABORADA PARA A 9ª DR/IPHAN - SP

achar semelhante obra muito adiantada (...) A consignação de dois a três contos de réis habilitaria a Câmara Municipal a concluir os muros, colocar as grades de ferro e cobrir o edifício da nova Cadêa".

Convém assinalar que a partir de 1837 os documentos existentes não mais cogitam da construção do edifício com dupla função de câmara e cadeia, embora a planta de 1829, não executada, definisse prédio de dois pavimentos: no superior funcionaria a Câmara Municipal. Outra planta, não datada, mas certamente da época em que se iniciaram as obras de construção, é a de um edifício de um só pavimento e se assemelha, apesar de algumas diferenças, ao andar térreo que serviu de cadeia na edificação atualmente existente.

Em 1851, de novo foram interrompidas as obras, por falta de recursos, e dois anos depois, quando o Paraná ganhou foros de província, o edifício achava-se no mesmo ponto de quatro anos antes.

Pelo fato de em 1865 não estar, ainda, concluída a cadeia nova, a municipalidade resolveu contrair empréstimo ao governo provincial, com o objetivo de construir "um sobrado de tijolos sobre as paredes de pedra e cal da cadeia nova, no qual funcionariam, a justiça e a administração públicas". Essa segunda etapa caracterizou as diferentes técnicas de construção empregadas e a dupla situação dominial: o pavimento térreo pertenceria ao estado e o sobrado, ao município.

Finalmente, em 1868, foi feita a solene entrega das chaves do prédio ao delegado e juiz municipal, pelo contratante das obras finais, o engenheiro Francisco Therézio Porto.

Após a desativação do programa original, em 1944, por ocasião das comemorações do 50º aniversário do Cerco da Lapa, o edifício passou a abrigar, por iniciativa do historiador David Carneiro, o Museu da Revolução Federalista, reunindo objetos referentes ao episódio épico. Entretanto, por falta de condições de conservação e segurança, anos depois o museu foi fechado e seu precioso acervo transferido e incorporado ao do Museu David Carneiro em Curitiba.

Com a desocupação do prédio, o estado levou a termo obras de reforma na edificação para a instalação da Escola Normal, obras estas extremamente danosas ao edifício pela descaracterização que provocou: modificação da cobertura, inserção de escadaria de concreto no pátio interno, substituição das esquadrias, abertura de novos vãos, substituição de pisos e forros, adaptação de aposentos para cozinha e sanitários.

O nível de intervenção chegou ao ponto da destruição de todos os requadros de ensilharia, cujas peças foram desbastadas a talhadeira, com a finalidade de se eliminarem os ressaltos de enquadramento dos vãos. Coube ao prefeito Sérgio Leoni, no final da década de 70, a iniciativa de obter do governo do estado a transferência da escola para outro prédio com a finalidade de restaurar o edifício.

Em 1980 o IPHAN, com a colaboração e apoio da prefeitura municipal, deu partida à restauração do imóvel, realizada em duas etapas, consoante projeto elaborado pelos arquitetos Cyro Corrêa de Oliveira Lyra e José La Pastina Filho. Tais trabalhos envolveram

a remoção da cobertura e desmontagem de estrutura do telhado, demolição de forros, beirais, reconstituição da cobertura e das primitivas envasaduras, recomposição de pisos, restauração dos requadros de ensilharia, execução de instalações elétricas e hidráulicas, reconstituição da escadaria primitiva e, por fim, pintura e acabamentos. As obras foram concluídas em dois anos, sendo então montada no pavimento térreo uma exposição sobre o Cerco da Lapa. Em 1994 o acervo foi enriquecido com a transferência para o térreo da coleção de armas de Osires Stenghel Guimarães. No pavimento superior foi instalada a Câmara Municipal.

Único exemplar de Casa de Câmara e Cadeia que restou no estado do Paraná segue um partido arquitetônico freqüente: prédio assobradado, isolado em terreno amplo, composição simétrica com duas portas externas – uma na fachada principal, de entrada para a cadeia, e a outra, lateral, abrindo para o hall da escada de acesso à Câmara. A função carcerária do pavimento térreo é exteriormente identificada não só pelo gradeado das janelas como também pelo aspecto maciço das paredes de alvenaria de pedra em que os cheios predominam sobre os vazios. Já no andar superior, da Câmara, ocorre o contrário, com as paredes de alvenaria de tijolo vazadas por um número maior de janelas, requadras em madeira e fechadas por guilhotinas envidraçadas e postigos.

De planta quadrada, dotada de um reduzido pátio interno central, guarda ainda a organização espacial do térreo bem como duas portas de celas originais. No andar superior a subdivisão original foi ligeiramente alterada com a introdução de instalações sanitárias e pequena copa.

Construção enquadrada por cunhais de cantaria, teria, em seu primeiro piso, de acordo com a planta primitiva, sala de polícia, à esquerda do corredor de entrada, e à direita, a prisão correccional, ambiente que mediam, respectivamente, 29,5 por 24 palmos; o corredor, 24 por 12 palmos. Seguiam-se-lhes o quarto do carcereiro e a prisão-forte. O corredor de acesso desembocava num pátio lajeado. Aos fundos, após varanda de 10 por 46 palmos, quatro celas de 11,5 por 10 palmos. A esquerda, a prisão para mulheres, com 23 por 14 palmos, e à direita, a enfermaria, também, com 23 por 14 palmos. As paredes divisórias eram em alvenaria de tijolos, com espessura de um palmo e meio e as externas, em alvenaria de pedra, com três palmos de espessura. O imóvel conserva ainda as celas. Duas portas, que as fechavam, foram trazidas do Museu Paranaense, onde se encontravam, e recolocadas em seus lugares. Os requadros em cantaria, a maioria desbastada por força da talhadeira, foram reconstituídos com mistura de cimento e grés.

No segundo piso, os requadros em madeira bem como todos os ambientes foram reconstituídos com base em documentação fotográfica existente. Soalho em tabuado. ❀



CASA NA ESQUINA DAS RUAS BARÃO DO RIO BRANCO E BARÃO DOS CAMPOS GERAIS

O pouso de tropeiros situado às margens da estrada que ligava a capitania de São Paulo ao continente de São Pedro do Rio Grande é responsável pela formação da primitiva povoação da Lapa. Por volta de 1750 é muito provável que seus moradores se agrupassem em torno da modesta capela então existente, nas proximidades da atual igreja matriz.

Depois das primitivas casas de pau-a-pique e de taipa de pilão, à medida que a vila prosperava começaram a surgir, já em pedra e cal, outras edificações em torno do novo templo religioso em alvenaria de pedra concluído durante a segunda metade do século XVIII. Sempre a igreja definindo, em função de sua relação espiritual com o homem, o centro do povoamento, o espaço comunitário. Partido inicial comum a todas as povoações, embora nem sempre utilizado da mesma maneira, mas que se acomodou ao ideário do século XVIII, pelo qual as praças tendiam a ocupar os vazios existentes na malha urbana, diante das edificações religiosas e civis de maior importância: a igreja e a Casa de Câmara. Por outro lado, absorvendo igualmente as tendências geometrizarantes do classicismo europeu, iniciou-se a regularização do seu traçado; não mais fruto do acaso, mas em xadrez, ortogonal. E a cidade da Lapa constitui bom exemplo dessa nova concepção. A primeira casa em pedra-e-cal foi erigida em 1824 e continua de pé: era propriedade do capitão-mor Francisco Teixeira Coelho e fica na atual Praça General Carneiro.



As principais ruas, traçadas no sentido Norte-Sul, eram quatro e tinham nomes simples: a das Tropas, a da Boa Vista (que permitia se visse a linha do horizonte no descampado, tanto para o Norte como para o Sul), a do Cotovelo e a da Cadeia Velha, sucessivamente denominada do Quebra-Pote, da Cachaça e do Rezende. Havia, ainda, o Pátio da Matriz e o Largo das Laranjeiras, a Travessa do Chafariz, que ligava a Rua da Tropas à da Boa Vista, e as travessas do Ferreiro e do Bispo. Os becos levaram o nome das ruas a que serviam. Muitas travessas, becos, e até mesmo novas ruas que depois iriam surgir, são mencionados em documentos apenas como “de fulano de tal”. Em geral, nos becos não havia casas, apenas muros laterais ou, então, cercas delimitando a propriedade erguida sobre a rua principal. Os campos e a floresta vinham morrer bem junto às ruas-limite do povoado, depois freguesia de Santo Antônio da Lapa, Vila Nova do Príncipe e cidade da Lapa.

Em 1892 o recenseamento levado a efeito revela que a cidade contava com 172 casas habitadas, a matriz de Santo Antônio, a Casa de Câmara e Cadeia, quatro ruas longitudinais, seis transversais, três largos, um cemitério católico, quatro fontes e fogos. Eram 8.709 os habitantes, dos quais 982 urbanos. A igreja e a cadeia destacavam-se na paisagem urbana, não somente por suas dimensões, como por se acharem isoladas: a igreja, na praça, e a cadeia rodeada por terreno que ocupava toda a quadra. A Lapa dos séculos XVIII e XIX é, ainda, perfeitamente identificável em seu conjunto urbano, cuja escala mantém-se praticamente inalterada.

O traçado de suas ruas no sentido Norte-Sul, como já foi dito, orientou a implantação das edificações, disposição e uso dos lotes e definiu, o que é muito importante, a estrutura do Centro Histórico, do qual faz parte o Museu das Armas. Ao iniciar-se a última década do século passado, a Lapa, então próspera cidade e sede de município, vivia intensa fase de diversificação de serviços. Fundara-se a Associação Literária Lapeana e organizara-se sua biblioteca; construíra-se o Teatro São João, melhora-se o traçado da estrada de rodagem que demandava de Curitiba e fora dado início à implantação dos trilhos da estrada de ferro. A maioria das ruas do centro urbano já era calçada e a cidade possuía vários jornais.

Ao encerrar-se o ano de 1893, reinava, entretanto, a apreensão. A guerra fratricida, até então simples noticiário de acontecimentos ocorridos muito distante, estava às portas da cidade, a qual, pela primeira vez em muitos anos, não vira realizar-se a popular festa consagrada a São Benedito, com seus folguedos e congadas. Tampouco os lapeanos continuavam a colocar cadeiras nas calçadas, ao findar-se a tarde, para gozar a fresca e assuntar novidades, hábito dos moradores das pequenas cidades.

Desde o início de novembro, o que se via, então, nas ruas, era o tráfego apressado de obuseiros Krupp, arrastados por carretas, a poeira levantada por cavalários a galope ou o marchar descadenciado dos soldados do Batalhão Patriótico, todos a caminho de uma elevação entre o Rio Negro e a Lapa, posição considerada estrategicamente muito boa, com o rio à esquerda e, por trás, a estrada que demandava a cidade. Mas, no dia 22 daquele mês, após intensos combates, foi dada ordem para que



LOCALIZAÇÃO: RUA BARÃO DO RIO BRANCO, ESQUINA COM BARÃO DOS CAMPOS GERAIS.

DATA DA CONSTRUÇÃO: MEADOS DO SÉCULO XIX.

PROPRIETÁRIO: PREFEITURA MUNICIPAL DE LAPA.

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 28/71. INSCRIÇÃO Nº 28. LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 15/02/1971.

BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ.

CARNEIRO, DAVID. O CERCO DA LAPA E SEUS HERÓIS, ED. RAVARO, RIO DE JANEIRO, 1934.

_____. HISTÓRIA DO PERÍODO PROVINCIAL DO PARANÁ, CURITIBA, 1960.

_____. O PARANÁ E A REVOLUÇÃO FEDERALISTA, ATHENA ED., SÃO PAULO, 1944.

LACERDA, FRANCISCO B. DE. O CERCO DA LAPA DO COMEÇO AO FIM, SECRETARIA DA CULTURA DO ESTADO DO PARANÁ, CURITIBA, 1985.

LEÃO, ERMELINO DE. DICIONÁRIO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARANÁ, EMP. GRÁFICA PARANAENSE, 1926-1929.

MARTINS, A. ROMÁRIO. HISTÓRIA DO PARANÁ, MELHORAMENTOS, SÃO PAULO, 1939.

POMBO, ROCHA. PARA A HISTÓRIA, FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, CURITIBA, 1930.

LAPA, PREFEITURA MUNICIPAL, PLANO DIRETOR URBANO, 1979 ARQUIVOS DA SPHAN.

WESTPHATLEN, CECÍLIA MARIA. PEQUENA HISTÓRIA DO PARANÁ, MELHORAMENTOS, SÃO PAULO, S.D.

_____. LAPA: UM POUSO, UMA LEGENDA, FUNDEPAR, CURITIBA, 1979.

as tropas que defendiam a República se retraíssem para a Lapa e a transformassem em recinto fortificado. E não transcorreu muito tempo até que as primeiras salvas de canhão e a metralha deixassem de ser apenas ecos de guerra travada bem longe. Doze anos haviam se passado desde que a vila fora elevada à categoria de cidade, e em meio a muita chuva, frio e neblina, de 17 de janeiro a 01 de fevereiro de 1894, nela se viveram dias de agonia pela luta sangrenta travada contra os revoltosos federalistas que procediam do Sul do país em direção a São Paulo.

Transformada em campo de batalha, completamente rodeada por trincheiras e barricadas, foi alvo de descargas de artilharia e de intensa fuzilaria. Em suas ruas e praças, já bastante esburacadas bravamente unidos, civis e soldados, sob o comando do então coronel Gomes Carneiro, lutaram até que, após a morte de seu comandante, inferiorizados, falta de munição e de víveres, viram-se forçados a capitular honrosamente. Aos poucos, com o passar do tempo, a cidade foi se recuperando. Testemunham-no as reconstruções efetuadas no casario bastante arruinado, também prova concreta do longo sofrimento vivido por sua população.

A heróica resistência – ligada de forma inescusável à derrota dos federalistas e à consolidação da República, conforme o demonstrou Rocha Pombo – tornou a cidade, pelo heróico feito, marco histórico-militar do estado do Paraná, especificidade que o Plano Diretor Urbano, instituído por lei em 1979, pela Prefeitura Municipal, procurou preservar além de dotar a cidade de instrumental capaz de lhe assegurar um desenvolvimento ordenado e de revitalizar seu Centro Histórico.

Evocando o épico feito, em 1944, como parte das comemorações do cinquentenário do Cerco, ergueu-se o Panteão dos Heróis, na atual Praça Coronel Lacerda, para o qual foram trasladados os despojos dos coronéis Gomes Carneiro e Dulcídio Pereira, até então inumados na sacristia da igreja matriz.

A antiga casa de comércio e moradia do século XIX é um dos principais remanescentes urbanos da arquitetura luso-brasileira daquela época. Adquirida pela Prefeitura municipal em 1970 dos herdeiros do último proprietário, representados por Gracinda Lacerda Montenegro, foi restaurada sob orientação do arquiteto Cyro Corrêa Oliveira Lyra, na época diretor do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná, e enquadra-se à perfeição aos fins específicos a que se propôs.

Em 1972, a Prefeitura municipal da Lapa firmou termo de comodato com Osiris Stenghel Guimarães, proprietário de coleção de armas antigas e objetos relacionados às lutas travadas na cidade, no sentido de que os transferisse e expusesse no prédio então recuperado. Essa coleção ali ficou exposta até 1994 quando foi transferida para o pavimento térreo da antiga Casa de Câmara e Cadeia.

O imóvel é construído em alvenaria mista, argamassa, pedra e tijolos. Na fachada levantada à Rua Barão do Rio Branco abrem-se três portas e três janelas, emolduradas por requadros de cantaria, as primeiras em folha cega, almofadadas, sistema de guilhotina, vidraças divididas em quadrículos. Telhados em quatro águas, arrematado por beiral em beira-seveira. ✿



CASA ONDE FALECEU GENERAL CARNEIRO

Edificação sem maior interesse, do ponto de vista arquitetônico, mas extremamente importante por estar ligada a fato histórico relacionado ao episódio militar da heróica resistência da cidade da Lapa durante a Revolução Federalista em 1894. Nela faleceu o então coronel Antônio Ernesto Gomes Carneiro, oficial de carreira designado pelo marechal Floriano Peixoto para o posto de comandante das forças que, no estado do Paraná, se opunham aos revoltos os comandados por Gumercindo Saraiva, os quais, procedentes do Sul, o haviam invadido.

Em princípios do mês de janeiro de 1894 os federalistas, que já dominavam grande parte do estado, iniciaram o cerco cidade da Lapa. Embora submetida a constante bombardeio, dia após dia, a cidade resistia ao assédio de mais de 3.000 revoltosos, aos quais se contrapunham menos de 900 elementos das forças leais ao governo, nelas incluídos muitos civis, voluntários.

Em 7 de fevereiro, uma Quarta-Feira de Cinzas, o inferno desabou sobre a cidade. Parecia, a todos, na ocasião, o assalto final. A luta nas barricadas, nas trincheiras, segundo testemunhas, foi extremamente sangrenta. Por volta das 10h da manhã daquele dia, o coronel Gomes Carneiro foi atingido no fígado. O coronel Joaquim Lacerda, que combatia a seu lado, o amparou e carregou nos braços até a farmácia de Olímpio Wespfallen, situada nas proximidades, onde se encontrava, atendendo aos feridos o Dr. João Cândido Ferreira, médico que prestava assistência às forças leais a Floriano Peixoto.

Cerca das 12h, já cessados os combates, Gomes Carneiro foi transferido para casa ao lado do Teatro São João, de propriedade do professor Pedro Fortunato de Souza Magalhães.

Segundo depoimento em carta manuscrita, escrita em 18 de abril de 1938, o então proprietário do imóvel, José Ferreira do Amaral e Silva, genro de Pedro Fortunato, o "Coronel Gomes Carneiro ficou aos cuidados do Dr. João Cândido, auxiliado por Pedro Fortunato e por mim, na condição de enfermeiros."

Ao findar a tarde do dia 9 de fevereiro, às 17h, o coronel Gomes Carneiro veio a falecer e seu corpo, pouco antes da meia-noite, foi transferido para a Igreja Matriz.

No dia seguinte, dois soldados abriram na sacristia uma cova para receber seus despojos. A essa cerimônia compareceram comandantes de corpos, grande número de oficiais e soldados. O corpo do bravo comandante foi envolvido numa bandeira pertencente ao 17º. Batalhão de Infantaria do Exército e, de acordo com testemunhos, era visível a comoção que se estampava na fisionomia dos presentes à cena não eram poucos os soldados que enxugavam suas lágrimas nas mangas das camisas... Ao lado da sepultura aberta ainda se via a terra fofa e úmida da cova que desde a véspera guardava o corpo do coronel Cândido Dulcídio Pereira, ferido mortalmente pouco antes do coronel Gomes Carneiro haver sido atingido.



LOCALIZAÇÃO: RUA FRANCISCO CUNHA, 175.

DATA DA CONSTRUÇÃO: MEADOS DO SÉCULO XIX.

TOMBAMENTO FEDERAL: PROCESSO Nº 108-T, LIVRO DAS BELAS-ARTES, FL. 8. DATA:20/04/1938.

BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ.

CARNEIRO, DAVID. O CERCO DA LAPA E SEUS HERÓIS, ED. RAVARO, RIO DE JANEIRO, 1934.

_____. HISTÓRIA DO PERÍODO PROVINCIAL DO PARANÁ, CURITIBA, 1960.

_____. O PARANÁ E A REVOLUÇÃO FEDERALISTA, ATHENA, ED. SÃO PAULO, 1944.

LACERDA, FRANCISCO B. DE. O CERCO DA LAPA DO COMEÇO AO FIM, SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ, CURITIBA, 1985

LEÃO, ERMELINO DE. DICIONÁRIO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARANÁ, EMP. GRÁFICA PARANAENSE. 1926-1929.

MARFINS, A. ROMÁRIO. HISTÓRIA DO PARANÁ, MELHORAMENTOS, SÃO PAULO, 1939.

POMBO, ROCHA. PARA A HISTÓRIA, FUNDAÇÃO CULTURAL CURITIBA, CURITIBA, 1930.

ARQUIVOS DA SPHAN.

WESTPHALLEN, CECÍLIA MARIA. PEQUENA HISTÓRIA DO PARANÁ, MELHORAMENTOS, SÃO PAULO, S.D.

_____. LAPA, UM POUSO, UMA LEGENDA.

FUNDEPAR, CURITIBA, 1979.



No exato momento em que todos se retiravam da Igreja, após as cerimônias fúnebres, os sitiados despejaram sobre a pequena cidade grande número de projéteis. Ignoravam que, por notável coincidência, prestavam honras fúnebres ao valoroso comandante daquela falange de patriotas.

O imóvel, consoante o autor da carta endereçada ao antigo diretor do IPHAN, Rodrigo de Mello Franco de Andrade, e cujo original encontra-se nos Arquivos da SPHAN, “passou, durante o ano de 1926, por completa reconstrução. “Tive, porém, o cuidado”- acrescentava - “de em nada alterar a sala, onde se verificaram os episódios do tratamento e do falecimento do herói”.

Faz, ainda, o missivista, referência ao fato que “três dias antes do grande combate de 7 de fevereiro uma granada revolucionária haver estourado no interior da casa, não ferindo nenhuma das muitas pessoas que nela habitavam, atingindo apenas o relógio de parede, que consertado ainda hoje trabalha, regulando bem o tempo”.

Após a remodelação pela qual passou - tornando, assim, difícil precisar-se sua primitiva concepção - a casa, construção residencial típica, situada no Centro Histórico da cidade, ao lado do Teatro São João, apresenta fachada simples, na qual se destacam quatro janelas de peitoril, sistema em guilhotina, com quadrículos e porta central. Platibanda com ornatos. ✿





LOCALIZAÇÃO: PRAÇA CORONEL LACERDA, 67.

DATA DA CONSTRUÇÃO: 1842-1845.

AUTOR DO PROJETO: MANOEL JOSÉ CORREIA DE LACERDA.

PROPRIETÁRIO: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL.

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 37/72, INSCRIÇÃO Nº 36. LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 01/03/1972.

TOMBAMENTO FEDERAL: PROCESSO Nº 29 - T, INSCRIÇÃO Nº 12. LIVRO DAS BELAS-ARTES, FL. 3. DATA: 1/4/1938.

BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA PREFEITURA MUNICIPAL DA LAPA ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ. CARNEIRO, DAVID. O CERCO DA LAPA E SEUS HERÓIS, ED. RAVARO, RIO DE JANEIRO, 1934

_____. O PARANÁ E A REVOLUÇÃO FEDERALISTA DE 1894, ATENA ED., SÃO PAULO, 1944.

_____. "APONTAMENTOS BIOGRÁFICOS DO CORONEL JOAQUIM DE RESENDE CORRÊA DE LACERDA "IN ANAIS DO PRIMEIRO CONGRESSO DE HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO DE 1894, CURITIBA, 1944.

LACERDA, FRANCISCO BRITO DE. O CERCADA LAPA, DO COMEÇO AO FIM, SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ, CURITIBA, 1985.

LEAO, ERMELINO DE, DICIONÁRIO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARANÁ, EMP. GRÁFICA PARANAENSE, CURITIBA, 1926-1929.

MARTINS, A ROMANO. HISTÓRIA DO PARANÁ, MELHORAMENTOS, SÃO PAULO, 1939.

POMBO, ROCHA. PARA A HISTÓRIA. FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, CURITIBA, 1980.

ARQUIVOS E BOLETIM DO SPHAN Nº. 22, JAN/FEV.1983, RIO DE JANEIRO.

WESTPHALLEN. CECÍLIA MARIA. LAPA: UM POUSO, UMA LEGENDA, FUNDEPAR, CURITIBA, 1979.



CASA LACERDA

Casa construída pelo casal Manoel José Correa de Lacerda e Leocádia Cassiana Rezende Correa de Lacerda – ele, português, ela descendente dos fundadores da Lapa, tataraneta que era de João Pereira Braga e da sua mulher –, nela nasceria e viveria, entre os outros nove filhos do casal, Joaquim Rezende Correa de Lacerda, cujo nome está ligado à história do Paraná e do Brasil por sua condição de herói da resistência ao assédio federalista à cidade, em 1894. Político, foi senador pelo Paraná e, em preito de reconhecimento à sua bravura, coronel honorário do Exército brasileiro, “pelos relevantes serviços prestados com valor durante o sítio da Lapa, em defesa da República”.

Joaquim Lacerda foi também, como bem acentuou Leôncio Correia, “o símbolo do coração lapeano; piedoso, leal, afetuoso, coração que se sublima nos êxtases do amor e não treme ante o perigo e nem se acovarda diante da ameaça da morte”.

No comando ostensivo da guarnição sitiada, após a morte do então coronel Gomes Carneiro, Joaquim Lacerda, convencido da inutilidade de ser prolongada por mais tempo a luta, não só ante os cada vez mais furiosos e poderosos ataques dos revolucionários federalistas, como também por haver chegado à conclusão de que os recursos disponíveis não mais bastavam e, ainda, para subtrair a população aos horrores da fome e do massacre inevitável, aceitou a capitulação da cidade, após 26 dias de épicá resistência.

E em 11 de fevereiro de 1894, na casa de residência transformada em quartel-general de 2ª Brigada, foi assinada a ata de rendição que atendia “à forma heróica por que se defendeu a praça, rendendo-se, apenas, por circunstâncias especiais supervenientes”. Esse fato histórico motivou o tombamento do imóvel pelo IPHAN, em 1938.

Ligada à história do Paraná, a Casa dos Lacerda, como é conhecida a edificação, foi bastante visada durante o cerco sofrido pela cidade, havendo, mesmo, recebido vários impactos que destruíram diversas dependências. Nela faleceu, vítima de ferimento recebido em combate, o coronel Dulcídio Pereira, dias antes da capitulação.

A casa é contemporânea do “espantoso e progressivo aumento da vila”, verificado na década de 1840, época em que a malha urbana implantada em 1806 tomou grande incremento ante o vulto de novas construções.

Situada em frente ao “Panteão dos Heróis”, é construção de alvenaria de pedra, com as divisórias internas em estuque, muito elegante, de um pavimento, com aproximadamente 500m² divididos em 18 cômodos e três corredores. Destaca-se em sua fachada a robusta e ao mesmo tempo elegante cornija.

Por ser o primogênito, Joaquim Lacerda herdou a casa, transmitindo-a a seu filho único, José Lacerda, casado com Cecília Brito de Lacerda. Do matrimônio nasceram 12 filhos, os quais formam, hoje, a família dos Brito de Lacerda, composta por mais de uma centena de descendentes.

"Num gesto que ao mesmo tempo revela excepcional grandeza e acentuado espírito público" assim se referiu Aloísio Magalhães, à época Secretário da Cultura do Ministério da Educação e Cultura, em 1981, aos Brito de Lacerda, que por intermédio de legado instituído em testamento por D. Cecília, filhos e netos, através de escritura pública, doaram à Fundação Nacional Pró-Memória a mansão, com todos os pertences que a guarneciam, entre os quais uma imagem de Nossa Senhora do Rosário, do século XVIII.

Restaurada no curso do ano de 1982 pela SPHAN/Pró-Memória, a Mansão dos Lacerda – um dos primeiros monumentos tombados pelo IPHAN no Brasil e primeiro bem imóvel particular doado à Fundação Nacional Pró-Memória atualmente é um museu de época, demonstrativo do modo de vida de uma família classe média paranaense nos últimos 130 anos.

Seu acervo, além de louças, espelhos, mobílias de quarto, fotos antigas dos Lacerda, encerra um jogo de sala austríaco do começo do século e um fonógrafo RCA Victor, americano, que funciona perfeitamente desde 1927. Entre as obras de arte há um quadro a óleo feito em Portugal no século XIX que retrata o coronel Joaquim Lacerda e a já referida imagem de Nossa Senhora do Rosário, que pertenceu à Igreja Matriz de Santo Antônio da Lapa.

Segundo a tradição, a imagem, durante a procissão, foi levada ao abrigo da casa, a fim de ser resguardada da forte chuva que então caiu. Como novas pancadas de água desabassem, nas duas tentativas de retorno à rua, o vigário entendeu que a santa "ali queria ficar", o que aconteceu, transferindo-se sua posse para a família Lacerda.

Outro objeto importante do acervo é um carrilhão de procedência européia, que marcou a hora da capitulação da Lapa, na Revolução Federalista. ✿





CASA VERMELHA

Pelas características que apresenta, trata-se de uma das mais antigas casas de moradia da cidade, construída, provavelmente, no curso da primeira metade do século XIX. Em 1868 — a data mais recuada no tempo obtida por pesquisa em cartório — foi adquirida por Antônio José Mateus pela importância de 600\$000 (seiscentos mil-réis) a Manoel Antônio de Lacerda e Antonio Manoel de Lacerda e suas mulheres, os quais haviam recebido o imóvel por doação de José Joaquim de Lacerda. No documento de venda a “morada da casa” estava descrita como “tendo duas portas e duas janelas para a frente do Nascente, e para o beco ao lado do Norte, tem duas janelas e um portão com os fundos competentes até a rua das Tropas”.

Cinco anos depois, em 10 de setembro de 1873, o imóvel foi vendido a Manoel Correa de Lacerda, que ali se estabeleceu com casa de comércio, até quando mudou-se para outra por ele mesmo construída (a casa onde morou o Dr. Luís Lacerda). Em 13 de fevereiro de 1874 Marcelino Diogo dos Santos adquiriu a casa, a qual, em 1877, presumivelmente, passou para a propriedade de Theodoro Wille, de quem Germano Ehlke teria comprado o imóvel, em 1887.

Data dessa época a ampliação sofrida pela residência, que passou a ser utilizada como hotel. Em 1894, durante a Revolução Federalista, a cidade da Lapa foi cercada e o hotel citado no diário do médico Dr. Felipe Maria Wolf: “23 de novembro, quinta-feira. Todas as casas e vendas estão fechadas. No hotel de Germano Ehlke, somente o velho e a família estão em casa. Não conseguimos hospedagem e também não existe quase nada para comer.”

Com a morte de Germano Ehlke, em 1905, o imóvel passou para seus descendentes, permanecendo o hotel em funcionamento ainda por muitos anos, até fechar, na década de 40, voltando então à função de moradia, alojando duas irmãs, suas herdeiras. Em 1978 a casa foi fechada, ficando durante algum tempo à mercê de vândalos, que a danificaram quase a ponto de provocar o arruinamento total de sua parte mais antiga e mais frágil, por ser de taipa de mão. Consciente da sua importância no contexto cultural da cidade, o prefeito Sérgio Leoni desapropriou-a, nela investindo a totalidade dos recursos de que dispunha naquele ano para desapropriações.

O maior interesse de sua arquitetura está na coexistência, perfeitamente evidenciada, das duas fases marcantes de sua história: a moradia-comércio, tipicamente luso-brasileira, erguida em taipa de mão com cobertura em telha canal e beiral de cachorrada, e a ampliação para fins hoteleiros, com traços de influência da imigração alemã na forma, acentuadamente inclinada, da cobertura e no seu material telhas em escama, ou telhas alemãs, como eram chamadas.

O levantamento arquitetônico da casa foi feito em 1981 por uma equipe de estudantes de Arquitetura da Universidade Católica do Paraná. A documentação gráfica e fotográfica então proporcionada serviu de base para a elaboração do projeto de restauração do arquiteto Cyro Corrêa de Oliveira Lyra, coordenador, também, do Plano





Diretor da Lapa, que objetivava dotar a cidade de instrumental que lhe assegurasse um desenvolvimento integrado. A restauração foi executada pelo autor do projeto com recursos da Fundação Nacional Pró-Memória e do Governo Estadual.

A parte fronteira da casa, mais antiga, é construída segundo o sistema tradicional do frontal, isto é, estruturada por uma “gaiola” feita de peças de madeira de seção quadrada de um palmo de lado, vedada por paredes de taipa de mão (pau-a-pique). Desses elementos estruturais, somente eram visíveis os esteios-cunhais e os componentes: esteios, frechal e baldrame da empena. Os esteios intermediários, o baldrame e frechal da fachada principal eram recobertos pelo reboco. Embora oculta grande parte dessa estrutura, percebia-se um arqueamento considerável da linha do frechal nas fachadas leste e norte, bem como muitas fissuras inclinadas e o desaparecimento dos vãos de esquadrias. A causa dessas deformações situava-se na fundação comprometida pela desagregação de trechos do embasamento de pedra e pelo apodrecimento parcial das vigas de baldrame.

Quando foram iniciadas as obras, com o “descarnamento” das paredes dessa parte, verificou-se que a situação era extremamente precária, não só pelo comprometimento parcial da “gaiola” como também pela desagregação das paredes de pau-a-pique, em virtude da infiltração de águas pluviais e do conseqüente apodrecimento da madeira. O estado físico agravou-se no ano anterior à desapropriação, quando a casa, vazia, sofreu a ação do vandalismo dos “caçadores de tesouro” locais, que perfuraram paredes e danificaram pisos e forros.

Embora o projeto preconizasse a preservação da maioria das paredes de taipa de mão, tal se configurou impossível, dado o nível extremo de deterioração a que haviam chegado. A alternativa foi a de preservar as peças estruturais em bom estado e que fossem visíveis, como os esteios de umbral e alguns frechais. Construiu-se, porém, novo baldrame de concreto armado e reergueram-se as paredes em alvenaria de tijolo. A maior parte do cintamento passou a ser em concreto armado. Mantiveram-se, também, os requadros de madeira montados nas paredes de tijolo, ocupando a posição original. Em apenas um trecho de parede se refez o pau-a-pique, deixando-o à vista.

A parte mais nova da casa, a ampliação, de alvenaria de tijolo, encontrava-se em melhor estado, apresentando apenas uma deformação na parte da fachada norte, aos fundos, e o desaparecimento das colunas de tijolos da varanda. Esses problemas foram fruto do arruinamento das tesouras do telhado. Apodrecidas e parcialmente quebradas as peças dessa armação fizeram com que a cobertura passasse a imprimir um empuxo considerável na parede e nas colunas. Aliviada a cobertura, com o destelhamento, a parede e algumas colunas reaprumaram-se. Foi necessário, porém, refazer-se três desses pilares.

Os dois telhados foram totalmente refeitos, aproveitando-se na parte antiga as telhas coloniais para capa e utilizando-se telhas de fatura nova para bica. Na parte mais recente da casa foi feita a substituição das telhas alemãs quebradas por outras, reaproveitadas de construções demolidas na região.



LOCALIZAÇÃO: ESQUINA DA RUA EMB. HIPÓLITO ALVES DE ARAÚJO COM BARÃO DO RIO BRANCO.

DATA DA CONSTRUÇÃO: PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX.

PROPRIETÁRIO: PREFEITURA MUNICIPAL DA LAPA.

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 81/81. INSCRIÇÃO Nº 76, LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 27/10/1981.

BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA SPHAN.

ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ.

LACERDA, FRANCISCO BRITO DE. CERCO DA LAPA, DO COMEÇO AO FIM, SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ, CURITIBA, 1985.

LEÃO, ERMELINO DE. DICIONÁRIO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARANÁ, CURITIBA 1926-1929.

LAPA. PREFEITURA MUNICIPAL FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-MEMÓRIA, A CASA VERMELHA DA LAPA, LAPA, 1982. PLANO DIRETOR URBANO, 1974.

TOURINHO, GENERAL MANO. “MEMÓRIA DO CERCO DA LAPA”, IN ANAIS DO PRIMEIRO CONGRESSO DE HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO DE 1894, COMEMORATIVO DO CINQUENTENÁRIO DO CERCO DA LAPA, CURITIBA. WESTPHALLEN, CECÍLIA MARIA. LAPA: UM POUSO, UMA LEGENDA, FUNDEPAR, CURITIBA, 1979.

Praticamente todo o madeiramento de cobertura — caibros, cumeeiras, linhas, terças, ripas — foi substituído.

Esquadrias, forros, assoalhos, foram parcialmente renovados, embora se tenha procurado recuperar a maior parte possível dessas peças. Foi feita, também, uma diferenciação em termos de acabamento dos elementos novos em relação, aos antigos. A importância da antiga “Casa Vermelha” — essa denominação deriva do fato de ter sido pintada nessa cor durante muitos anos, embora não fosse essa sua coloração original, reside no fato de constituir um dos exemplares mais antigos da cidade, tendo passado por alterações que são reflexo da transformação da sociedade local. Resalta-se, principalmente, a convivência no edifício de testemunhos de duas culturas técnicas: o processo de construir luso-brasileiro, representado pela técnica do frontal — a estrutura de madeira —, com vedação de pau-a-pique e cobertura de telhas do tipo capa-e-canal e o sistema de influência do imigrante de origem germânica, exemplificado pela ampliação da casa em alvenaria de tijolo, coberta com telhas alemãs. Partindo da premissa de serem preservados esses dois momentos, mantiveram-se os espaços existentes sem grandes alterações, abrindo-se exceção, apenas, para a adaptação de um dos aposentos para instalações sanitárias.

Sua nova utilização, Centro do Artesanato, não entra em conflito com seus espaços, agora ocupados com administração, exposição e comercialização e, também, com oficinas e ensino. ✿





ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DA LAPA

A ferrovia Curitiba-Lapa, com 85 quilômetros de extensão, é um dos primeiros ramais da Estrada de Ferro do Paraná, que ligaria o segundo planalto com o porto de Paranaguá.

Em 1882, a *Compagnie Générale de Chemins de Fer Brésiliens* iniciou o prolongamento das estradas ferro, com um ramal para as cidades de Lapa e Castro. A linha principal passaria por Campo Largo, transpondo a Serrinha na altura de São Luiz. O trecho Serrinha - Lapa foi inaugurado em 1891, priorizando a exportação de madeira e erva-mate da região.

O edifício atual da estação ferroviária, conhecido como Estação Nova, foi inaugurado em 2 de julho de 1952, substituindo a antiga construção de madeira.

Em 1997, a Estação Ferroviária da Lapa, bem como grande parte da Malha Sul da Rede Ferroviária Federal S.A. foram privatizadas, sendo assumidas pela empresa Sul Atlântico S/A (FSA). Contudo, logo em seguida a estação foi desativada, fato que contribuiu para a deterioração do edifício.

A nova empresa concessionária, América Latina Logística (ALL) concedeu a utilização do espaço da estação para a prefeitura municipal, que, após obras, a reinaugurou como espaço cultural e curso pré-vestibular, em 17 de março de 2000.

Construção em alvenaria, composta por um corpo central, com telhado em quatro águas com telhas francesas, e outros dois corpos laterais menores, com telhados em três águas cada um. O beiral é arrematado por guarda-pó. A fachada principal possui platibanda com frontão central, de inspiração neocolonial, sendo composta por três vãos em arco pleno constituindo-se em uma varanda com acesso por escadaria. Destacam-se na composição quatro pináculos, dispostos sobre o frontão e nas extremidades da platibanda, possuindo formas diferenciadas. Na fachada posterior, onde se encontra a plataforma, há um prolongamento do telhado, em balanço e de inclinação diferente, á apoiado em mãos-francesas. ✿



LOCALIZAÇÃO: AVENIDA ALOÍSIO LEONI S/N.
DATA DA CONSTRUÇÃO: 1952.
PROPRIETÁRIO: REDE FERROVIÁRIA FEDERAL.
TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº008/98. INSCRIÇÃO Nº137.
LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 13/11/2001.
BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ.
FOLDER: 100 ANOS: FERROVIA CURITIBA - LAPA. EDIÇÃO COMEMORATIVA. R.F.F.S.A. 1991.
R.F.F.S.A. SISTEMA FERROVIÁRIO DA R.F.F.S.A. RIO DE JANEIRO: R.F.F.S.A./DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICA E DOCUMENTAÇÃO, 1997. P.72. GAZETA DA LAPA: 17/MAR/2000.







IGREJA MATRIZ DE SANTO ANTÔNIO

A abertura da estrada que em 1728 partia do Morro dos Conventos em Araranguá, Santa Catarina - mais tarde foi feita a ligação para Viamão, no Continente de São Pedro do Rio Grande -, e demandava Sorocaba, possibilitou a viagem do gado das vacarias daquela região com destino a São Paulo.

Ao longo dessa estrada, conhecida também por Estrada da Mata, estabeleceram-se pousos e invernadas, para a engorda do gado, antes que este chegasse ao ponto de destino, conforme o comprova Auguste Saint-Hilaire, o ilustre viajante francês que no curso de seis anos percorreu o Brasil: “aproveitavam-se as excelentes pastagens dos campos gerais, para aí fazer invernar as imensas tropas de gado procedentes do Rio Grande do Sul”.

À medida que esses pousos foram se desenvolvendo, e se transformando em pequenas povoações, teve início concomitantemente, a distribuição de sesmarias na área que hoje corresponde à Lapa, feita, pouco tempo depois, freguesia de Santo Antônio da Lapa, e em 1806, vila Nova do Príncipe de Santo Antônio da Lapa, conforme consta de documentação eclesiástica e civil.

Entre 1740 e 1769 foram outorgadas sesmarias a Ignácio da Costa, Leandro da Costa, Manoel da Luz, Antônio Gonçalves dos Reis, ou Rodrigues, e João Pereira Braga, sesmarias essas de conformidade com a política perseguida pela Coroa de Portugal de povoamento e ocupação dos territórios interiores do Brasil.

Por encontrar-se a meio caminho entre o Rio da Várzea e o Iguacu, com bons pastos e aguadas, o local que marca a extremidade sul da Formação Arenito Furnas, a chamada “paragem da Lapa” acabou tornando-se parada obrigatória, fato que motivou a fixação de alguns moradores, os quais, dentro de suas possibilidades, atendiam aos problemas advindos da longa viagem desde as pastagens do Sul.

O certo é que não demorou muito tempo para que vários tropeiros e arribados ao local resolvessem estabelecer-se na área, iniciando pequena póvoa. Anos passados, solicitaram ao governador da capitania de São Paulo fosse criada uma freguesia e se determinasse a construção de igreja “onde se celebrassem os ofícios divinos, para pasto espiritual de seus moradores”, o que se confirma através de consulta aos Livros de Tombo usados para batizados e casamentos da capela de Nossa Senhora da Conceição de Tamanduá, situada a cinco léguas ao Norte da atual cidade da Lapa.

Em 6 de agosto de 1768, atendendo ao pedido dos moradores de Santo Antônio do Registro, D. Luiz Antônio de Souza Botelho Mourão, morgado de Mateus, capitão-general e governador, da capitania de São Paulo, através de carta, “houve por bem conceder, uma légoa de terras de testada e outro tanto de certão, para constituir o patrimônio e conservação de huma Igreja que ha de ser edificada”, pois, consoante opinião corrente, “não se podia erigir igreja sem se fazer patrimônio”.

Ato contínuo para demarcação e posse das terras foram designados o tenente-coronel Afonso Botelho de Sampaio e Souza, ajudante-de-ordens e primo do governa-



LOCALIZAÇÃO: PRAÇA GENERAL CARNEIRO.

DATA DA CONSTRUÇÃO: 1784 / 1874

PROPRIEDADE: MITRA DIOCESANA DE CURITIBA

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 36/72. INSCRIÇÃO Nº 35. LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 01/03/1972.

TOMBAMENTO FEDERAL: PROCESSO Nº 21-T, INSCRIÇÃO Nº 14 LIVRO DAS BELAS-ARTES, FL. 4. DATA: 1/4/1938.

BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ.

CARNEIRO, DAVID A. O CERCO DA LAPA E SEUS HERÓIS, ED. RAVARO. RIO DE JANEIRO, 1934.

LACERDA, FRANCISCO BRITO DE. O CERCO DA LAPA. DO PRINCÍPIO AO FIM, SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ. CURITIBA, 1985.

LEÃO, ERMELINO DE. DICIONÁRIO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARANÁ, CURITIBA, PARANÁ, 1926- 1929.

LIVROS DO TOMBO, IGREJA MATRIZ DE SANTO ANTÔNIO, LAPA. ARQUIVOS DA SPHAN.

MARTINS, A. ROMÁRIO. HISTÓRIA DO PARANÁ, MELHORAMENTOS, SÃO PAULO, 1939.

WESTPHALLEN, CECÍLIA MARIA. LAPA: UM POUSO, UMA LENDA, FUNDEPAR, CURITIBA, 1979.

dor, e o medidor oficial, os quais, juntamente com o procurador da Câmara, deram início ao trabalho, com “corda medida de dez braças craveiras”.

O auto da demarcação e posse das terras que configuravam o patrimônio da igreja foi lavrado em 13 de junho de 1769, e em seu nome assinou o padre João da Silva Reis, que era natural de Curitiba. A nova freguesia tomou por orago Santo Antônio.

Só em 3 de junho de 1797, entretanto, a capitania de São Paulo criou a “Freguesia de Santo Antônio da Lapa sob jurisdição da Vila de Curitiba”, que, segundo a própria Carta de Sesmaria, ‘ficava na ‘paragem’ da Lapa”.

De acordo com o Livro nº. 2 de Tombo da Matriz da Lapa, o padre João da Silva Reis era o vigário da freguesia de São José dos Pinhais, mas como houvesse herdado fazenda na região da Lapa, solicitara sua transferência para a nova freguesia, na qual, segundo consta de documentação, passaria a possuir três fazendas: a primeira, na Lapa, com 81 cabeças de gado e três escravos, produzindo, anualmente, um alqueire de milho e outro de feijão (1772); a segunda, nos Campos do Tenente, adquirida por 500 mil-réis, com 200 vacas e 20 touros (em 26 de agosto de 1780); a terceira, na Boa Vista, doada por seu testamenteiro (24 de maio de 1803).

De acordo com documentação existente, o primeiro padre nomeado, João da Silva Reis, era filho de João Pereira Braga e de Josepha Gonçalves da Silva, portugueses ambos, ele administrador de várias fazendas nos Campos Gerais, o que lhe dava direito a um quarto da criação”, por ano, permitindo-lhe posteriormente estabelecer-se como fazendeiro.

Após a concessão da sesmaria foram iniciadas as obras da matriz, em substituição à tosca ermida que servia aos moradores. Embora se ignore sua localização, de acordo com o Livro nº 2 de Tombo não seria muito distante da atual igreja, e foi nela que se realizou o primeiro batizado da nova freguesia, em 13 de junho de 1769. Foi de uma menina que se passou a chamar Joana, “filha legítima de Antônio Rodrigues Pereyra e Francisca Fernandes de Syqueira, naturais desta Freguesia, foram padrinhos Jose da Sylveira e sua mulher Maria Luiz de Syqueira, todos moradores nesta Freguesia” — o que confirma a existência de moradores na Lapa em data anterior a 1769.

No ano de 1784, data assinalada na verga da portada principal, a matriz já estaria concluída, e apesar da provisão da benção haver sido concedida em 1786, só cinco anos depois, no dia 31 de outubro, foi cumprida. Conforme o arquiteto José La Pastina Filho, a inscrição “1784” refere-se à conclusão da parte que hoje corresponde à atual Capela Mor, que nessa época era utilizada como nave e cuja imagem é a que aparece na aquarela “La Lappa” de 1827 atribuída a Debret.

Em 1802, segundo documentação, a matriz foi visitada pelo padre Luiz José de Carvalho, de Curitiba, que recomendou “o complemento de suas obras”, uma constante na maioria das construções de igrejas, no país: jamais eram dadas por concluídas.

Por volta de 1840 “uma grande bacia de pedra grés e granito da Lapa, toscamente lavrada”, viria substituir a gamela de madeira até então utilizada como pia batismal, e no Livro nº. 2 de Tombo o padre João Evangelista comenta haver visto

dita gamela “em casa de um morador da cidade, pintada a óleo e bem conservada”. No decorrer de todo o século XIX, pelo que consta de documentação, a matriz sempre esteve em obras: em 1841, era o “telhado que precisa de reparos e emboço”; em 1847, o corredor lateral necessita de acabamento; e logo adiante, se pede “seja rebocada, reentelhada toda a construção e recuperado seu assoalho, construir-se a torre e reparar-se o frontispício”. Em 1873, de novo, o telhado estava com problemas e eram pedidos recursos financeiros para ladrilhar parte dos corredores e fazer uma torre, não só necessária para o edifício em si, como para seu aformoseamento”.

Durante o ano de 1874, com a ajuda do governo da província e da Irmandade do Santíssimo Sacramento, foi concluída a “parte acrescentada à Matriz”, conforme o atesta a data na ventoinha colocada sobre o telhado-campanário. Mas em 1878, de novo, solicitações para que se reboquem e caiem as paredes internas, seja reparado o forro do corredor, o trono e parte que se dirige para a torre.

Segundo depoimentos de pessoas do lugar, a matriz não tinha mobiliário, pelo menos no que respeita a bancos para os fiéis. A balaustrada de madeira torneada, retirada na década de 70 daquele século de seu interior, dataria de fins do século XIX ou começo do século XX. Na sacristia da igreja foram sepultados os coronéis Gomes Carneiro e Cândido Dulcídio, heróis do Cerco da Lapa, durante a Revolução Federalista de 1894.

A edificação constitui bom exemplo da arquitetura luso-brasileira do século XIX, pelo emprego das técnicas tradicionais, pela torre-sineira e pelo desenho sinuoso do frontão. De grande interesse ornamental, os elementos da fachada feitos em grés (arenito local), portada e requadros de ensilharia.

À altura do coro, na fachada principal, três janelas em guilhotina, divididas em quadriculos. Encimando o frontão, que é vazado por óculo polilobulado, o cruzeiro e, lateralmente, coruchéus como arremate dos cunhais.

A igreja, de planta retangular, divide-se em nave, capela-mor e sacristia, aos fundos. E coberta por telhado em duas águas na nave e capela-mor. Do lado esquerdo da fachada, a torre-sineira é recoberta por telhado em quatro águas.

Encontra-se em bom estado de conservação pois tem recebido verbas federais através do IPHAN para sua manutenção externa enquanto seu interior é mantido pela comunidade local com o assessoramento técnico do IPHAN e do Patrimônio Histórico Estadual. ✿



TEATRO SÃO JOÃO

Por falta de competentes registros de uma imprensa permanente, antes da segunda metade do século XIX, quando, então começaram a surgir notícias a respeito de espetáculos circenses, casas de espetáculos, sociedades literárias e de amadores, companhias de atores profissionais, repertórios encenados, não há nenhuma referência a respeito da existência de qualquer atividade cultural na Vila Nova do Príncipe de Santo Antônio da Lapa.

Elevada à categoria de cidade, em 1872, surgiram os primeiros movimentos no sentido de nela se promoverem atividades culturais e artísticas, que já existiam em outras das províncias do Paraná: Paranaguá e Curitiba, por exemplo.

Foi quando, por iniciativa de grupo de cidadãos locais - Emygdio Westphallen, Pedro Fortunato de Souza Magalhães e João Domingues Garcia, entre outros - foi fundada, em 29 de julho de 1873, a Associação Literária Lapeana, cujos objetivos eram os de organizar seleta biblioteca sobre assuntos vários e construir um teatro, para encenação de espetáculos. Três anos passados estava concluído o Teatro São João, que foi visitado por D. Pedro II em 1880, o qual, ao que se conta, mais se impressionou com a biblioteca, que, à época, já contava com mais de 1.500 obras. Entretanto, a inauguração oficial do Teatro São João só ocorreu em 1887, com a apresentação da Companhia Souza Bastos de Operetas. Segundo as crônicas, o espetáculo marcou época, mormente pela atuação da atriz espanhola Pepa Ruiz. Consigne-se, a bem da verdade, que o espetáculo inaugural deveu-se unicamente à iniciativa do engenheiro Francisco Therézio Porto, tido e havido como autor do projeto do teatro e amante das artes cênicas.

Não passaria uma década e o teatro seria convertido em enfermaria - como também outros imóveis - durante o cerco que a cidade sofreu, em consequência da Revolução federalista. No início do século XX, reparado e reaberto, foi palco de espetáculos de amadores, e transformado em cinema, na década de 30, quando abrigou relevante exposição agrícola (1939). Posteriormente serviu como local de leilões, para fins beneficentes. De 1950 a 1975 pertenceu à Rádio Legendária - emissora da paróquia local. Depois de muito esforço, conseguiu o então prefeito, Sérgio Leoni, que a Prefeitura retomasse a posse, iniciando então gestões junto ao Ministério da Educação e Cultura para obtenção de recursos para a restauração do teatro.

Degradado por intervenções danosas, foi, finalmente, restaurado, em sua integridade inicial, após ingentes trabalhos orientados pelos arquitetos Cyro Corrêa de Oliveira Lyra e José La Pastina Filho, e entregue ao público em 5 de novembro de 1976. A partir de então, passou a ser utilizado por companhias teatrais do Paraná e de outros estados, atendendo, em princípio, à programação do Teatro Guaíra, de Curitiba. Fora dos horários de espetáculo o teatro está aberto à visitação, além de servir à comunidade local através de cursos de teatro e de expressão corporal e outros eventos.





Integrando o Centro Histórico da Lapa, e sendo edificação de expressão bastante significativa, como solução pioneira aplicada à organização de espaços cênicos, o Teatro São João utiliza linguagem arquitetônica consentânea aos fins visados e apresenta certa correlação, pelo menos no que se refere à sua estrutura interna, em madeira, com as casas de espetáculos construídas em outras regiões do Brasil: o Municipal de Icó (Ceará), a Santa Inês, em Alagoa Grande (Paraíba), o Minerva, em Areia (Paraíba), o Municipal de Ouro Preto e o de Sabará (Minas Gerais).

Utiliza internamente estrutura de madeira, disposta em forma de ferradura. O arcabouço envolvendo essa estrutura é em alvenaria de tijolo.

O vão formado pelo vazio da platéia tem guarda-corpo entalado com balaustrada de madeira entre cada par de esteios e, no alto destes, tábuas finas, com recorte em forma de arco pleno. A platéia é coberta por um forro treliçado de madeira, reproduzindo o antigo teto, segundo prospecção realizada durante as obras.

Cobertura em telhas cerâmicas do tipo capa e canal em quatro águas, apoiada em tesouras de madeira. De planta retangular, internamente apresenta dois pisos: o primeiro, com foyer, platéia circundada por camarotes, palco e sanitários laterais; o segundo, com vestíbulo, camarotes que circundam o vazio da platéia, sanitários e circulação lateral pelos fundos do palco.

Fachada singela de composição neoclássica com cinco vãos em arco de meio ponto, sendo três portas ao centro e duas janelas de peitoril ladeando-as. Todos os vãos têm bandeiras de madeira e vidro. Coroa a edificação cimalha com ornatos e platibanda com frontão triangular, ao centro. Com recursos do IPHAN e daqueles oriundos da Lei Federal de Incentivo à Cultura foi, nos últimos anos, novamente restaurado e apresenta hoje excepcionais condições técnicas para estabelecimentos dessa natureza. ✿



LOCALIZAÇÃO: PRAÇA GENERAL CARNEIRO.
AUTOR DO PROJETO: ATRIBUÍDO A FRANCISCO THEREZIO PORTO
DATA DA CONSTRUÇÃO: 1873-1876.
PROPRIETÁRIO: PREFEITURA MUNICIPAL DA LAPA.
TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 21/69. INSCRIÇÃO Nº 21. LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 13/03/1969.
TOMBAMENTO FEDERAL: PROCESSO Nº 1120 -T-84, INSCRIÇÃO Nº 568. LIVRO DAS BELAS-ARTES. DATA: 24/4/85.
BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DO INSTITUTO NACIONAL DE ARTES CÊNICAS, RIO DE JANEIRO.
 ARQUIVOS E DOCUMENTAÇÃO DA SPHAN.
 ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ. CARNEIRO. DAVID. O CERCO DA LAPA E SEUS HERÓIS, ED. RAVARO, RIO DE JANEIRO, 1934.
 _____ . HISTÓRIA DO PERÍODO PROVINCIAL DO PARANÁ, CURITIBA 1960.
 _____ . O PARANÁ E A REVOLUÇÃO FEDERALISTA, ATHENA ED, SÃO PAULO, 1944.
 LACERDA, FRANCISCO B. DE, O CERCO DA LAPA DO COMEÇO AO FIM, DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ, CURITIBA, 1985.
 LACERDA, MARIA TERESA E. SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DO TEATRO NO PARANÁ - AS ASSOCIAÇÕES LITERÁRIAS E DRAMÁTICAS E O TEATRO NO PARANÁ, IHGEP, CURITIBA.
 LEÃO, ERMELINO DE. DICIONÁRIO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARANÁ, EMP. GRÁFICA PARANAENSE, 1926-1929, CURITIBA, 1930.
 MARTINS, A ROMÁRIO. HISTÓRIA DO PARANÁ. MELHORAMENTOS, SÃO PAULO, 1959.
 POMBO, ROCHA. PARA A HISTÓRIA, FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, CURITIBA, 1930.
 WESTPHALLEN, CECÍLIA MARIA. LAPA: UM POUSO, UMA LEGENDA, FUNDEPAR, CURITIBA, 1979.

